

## Reflexões sobre uma teoria de design

David Omar Nuñez Diban y Walter Dutra da Silveira Neto (\*)

Actas de Diseño (2019, julio),  
Vol. 28, pp. 47-50. ISSN 1850-2032.  
Fecha de recepción: mayo 2013  
Fecha de aceptación: julio 2014  
Versión final: julio 2019

**Resumo:** O Presente artigo traz por objetivo refletir sobre formalização do Design como ciência. Para tal finalidade, são discutidas algumas características fundamentais do Design e como elas podem contribuir para a consolidação de suas ações metodológicas de modo que a emoldurar-se no âmbito da abordagem científica. Não há pretensões de uma definição final do que é do Design, visto que isto pode atentar contra sua grande capacidade de adequação as circunstâncias sócio temporais, em que ele atua. Finalmente, conclui-se ratificando que suas peculiaridades fazem dele tão diferente que deva ser admitida como uma ciência com abordagem muito particular.

**Palavras chave:** Design - Ciência - Metodologia - Práxis - Teoria.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo em p. 50]

### Concepções de Design como Ciência

Desde a sua consolidação como uma área de conhecimento e atuação profissional, a busca de definições objetivas sobre o Design, faz com que sejam criadas as mais diversas teorias para a sua conceituação, iniciando com o entendimento do Design como uma “mistura” de disciplinas. Por tanto, fica realmente difícil defini-lo como uma única ciência, mas uma composição entre as ciências que convergem no seu campo de atuação. Baseado neste contexto busca-se uma reflexão através de textos de autores que abordam questões das caracterizações científicas sobre Design e seu campo de atuação.

O Design em sua atividade disciplinar caracteriza-se não somente pela geração de um conceito, mas principalmente pela definição do objeto, no seu, mas amplo espectro, entendido como o elemento não necessariamente material, assim como suas qualidades imateriais. Bomfim (1994) aponta, historicamente, a evolução do design como profissão, iniciada através de seus artesãos, que dominavam a produção artesanal de objetos únicos e posteriormente a preocupação das primeiras academias de arte para a qualificação de profissionais para o desenvolvimento de formas, onde mais adiante se configura a substituição da arte por uma abordagem mais sistêmica devido à industrialização dos produtos. Surgindo assim, as primeiras escolas de design, como a Bauhaus na Alemanha, que já se preocupava com teorias de forma e cor que iriam substituir o sentimento artístico no processo criativo. Para isto pode ser analisada a comparação entre os processos artesanais e industriais. Ainda segundo Bomfim (1994), vinte anos mais tarde, a tradição da Bauhaus foi substituída pela introdução de disciplinas que iriam somar na concepção de novas formas/produtos. Com o surgimento da escola de Ulm, as abordagens técnicas, no âmbito do conhecimento correlacionado à produção de “novos produtos”, ratificaram a base do campo de conhecimento do que hoje entendemos como design. E, é a partir de aqui que se diferenciam as atividades entre o artesanato e o design, tendo como elemento chave dessa diferenciação a utilização das metodologias, por paetê do design, a seu favor.

Vê-se então o contexto complexo que dificulta poder definir o design no âmbito da ciência, já que ele se consolida como resultado da soma de diversas áreas, Brandão (2002) aponta muito claramente em seu texto a necessidade de uma reflexão sobre a “flexibilização das fronteiras entre as áreas do conhecimento”, pois sendo o design uma “mescla” entre várias disciplinas, como defini-lo como uma ciência? Esta pergunta talvez não tenha uma resposta, já que o design é um campo que não possui fronteiras claramente definidas, porém seu campo de atuação estará delimitado pela “demanda” que o coloca em ação. E essa flexibilidade que pode ser destacada como uma de suas grandes características, o que lhe permite sua transição e integração de conhecimentos visando um objetivo comum a um fim previamente definido, independentemente de sua natureza. Isto quer dizer, que não há um condicionamento oriundo dos parâmetros iniciais da “demanda” que delimitem o campo de atuação do design. Dessa forma, a formulação de uma resposta exata e objetiva para esta pergunta, inicia-se com a formulação de teorias que apontem determinadas subáreas do design, susceptíveis de definição, permissíveis de articulação, para a elaboração de um conceito maior. A busca em formular estas teorias é demonstrada por Bomfim (1994) na sua preocupação com o desenvolvimento de cursos “stricto sensu” que focam como tema de desenvolvimento a “teorias do design”, com o objetivo principal em fazer com que os pesquisadores formulem, cada vez mais, teorias que contextualizem o design dentro de áreas específicas, no campo das ciências sociais aplicadas.

A formação do campo do design, como é conhecida atualmente, ainda não completa um século de existência, o que poderia delimitar sua consolidação como campo científico. Porém, se analisarmos na história do ser humano, a aplicação de seus princípios de projeto, remontam-se aos primórdios da humanidade, o que lhe confere uma maturidade para sua materialização como área de conhecimento científico. Somando a isto, o fato das ciências basearem-se no desenvolvimento de conhecimento através de práticas sistêmicas, conferem ao design uma qualificação para essa classificação. Sendo mais específico, a atividade conferida ao design, não fica